

CURRÍCULO ESCOLAR: O QUE SE LÊ E O QUE SE VÊ

Alunas do 3º ano de Pedagogia
FE/PUC-Campinas*

A intenção deste artigo é refletir sobre o significado de currículo, a sua elaboração e implementação, visto que os estudos e as leituras realizadas sobre este assunto têm gerado questionamentos quanto às teorias existentes e às práticas presentes.

O currículo começou a ser tratado como campo de reflexão a partir de 1918, com John Franklin Bobbitt, em sua obra "The Curriculum", que tinha enfoque empírico-analítico. No Brasil, porém, o aumento de material que trata do assunto começou a ser notado no fim da década de 80 e início da década de 90. Alguns livros são traduzidos de autores estrangeiros, embora já tenhamos significativas produções no nosso país.

Estudos relacionados ao tema apresentam três paradigmas curriculares: o técnico-linear, o circular-consensual e o dinâmico-dialógico. O paradigma técnico-linear é o derivado daqueles estudos iniciados por Bobbitt, cujo interesse técnico sugere a transposição dos princípios da administração empresarial para dentro da escola. O circular-consensual, que tem enfoque histórico-hermenêutico, baseia-se na interpretação do mundo através da linguagem e do pensamento, e o paradigma dinâmico-dialógico baseia-se na pedagogia crítica, que vê a escola como espaço de emancipação popular (MACDONALD, 1975). Apesar

dessa produção valiosa na área¹, há ainda muitos equívocos até mesmo quanto ao significado do termo currículo.

A partir das observações durante os estágios realizados em escolas, exigência dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, percebe-se que a grande maioria dos envolvidos com a prática educativa entende currículo apenas como uma mera grade de disciplinas, cujos conteúdos devem ser cumpridos durante o período letivo. A importância do currículo ainda não está difundida largamente entre os profissionais da escola, tanto que, quando consultados, muitos professores, além de desconhecerem o significado atual do termo currículo, possuem uma visão ingênua do mesmo e sua relação direta com o ensino. Não se entende currículo como um percurso de aprendizagem, um todo articulado, não neutro e, na prática, não são percebidas as intenções que o determinam. Visto desta maneira, os professores e a equipe escolar não entendem como assunto para a área do currículo a preocupação com a função social da escola e com o tipo de formação que se pretende proporcionar aos educandos.

Isto nos remete ao papel da escola no atual sistema. Ao não se dar conta de questões importantes como a questão curricular, por exemplo, ela mantém a sua face conservado-

(*) Texto coletivo produzido pelas alunas do 3º ano de Pedagogia da Faculdade de Educação da PUC-Campinas: Sílvia Helena O. Piazentino, Onéa Santos Arruda, Aneci R.S. Campolina, Cibele Martins dos Santos, Angélica Bergantín, Elaine Conceição Domingues Braga, Regiane Morandi Hummel, Waldirene Silveira S. Pedrini, na disciplina Teoria do Currículo, sob a coordenação da Profª Drª Miriam Pascoal.

(1) José Luiz Domingues, (1986) e João Cardoso de Palma Filho (1990), aprofundam essa questão.

ra, reproduzindo a ideologia dominante, valorizando a concepção bancária de educação, sem levar em conta não só a realidade vivenciada, mas também os desejos dos seus alunos.

A Escola cultiva posturas individuais, tanto dos professores como dos alunos; o horizonte observacional dos alunos na sala de aula é reduzido, por conta da disposição das carteiras enfileiradas, uma atrás da outra, ou seja, favorece-se a “pedagogia da nuca”. Mas o leitor(a) deve estar se questionando: até a disposição das carteiras na sala de aula também faz parte do currículo? Para responder tal questão é só pensar nas conseqüências de uma sala de aula com carteiras enfileiradas. Os alunos aprendem que precisam manter sempre a mesma “ordem”, absorvem o conceito de que precisam ser estáticos, trabalham separados, o que reforça o individualismo, não vêem a face uns dos outros, apenas a nuca, aprendem a não observar o rosto das pessoas e suas expressões, não valorizam o sentimento, a alteridade, ou seja, o individualismo leva o aluno a não aceitar a singularidade de outros indivíduos.

Além disso, a escola se mantém repetitiva, incentivando as relações de competição que negam o saber, enquanto o papel do professor é o de simples transmissor de conhecimentos.

O que se vê é o tratamento de todas as disciplinas baseado em teorias tradicionais, sem a metodologia adequada específica, sem integrá-las entre si, não aproveitando o conhecimento dos alunos, o seu cotidiano, o que lhe está próximo, para construir, reelaborar os conhecimentos sistematizados já existentes.

A escola continua teimando em dicotomizar o pensar e o fazer, a ser mera transmissora de conhecimentos dissociados da realidade. Desconhece questões atualmente discutidas como: currículo oculto, currículo nulo, a necessidade de se planejar o currículo e outras questões mais.

A decorrência natural desse modo de agir da escola é o desinteresse do aluno, que pode

ser visto através da indisciplina e desmotivação. Eis aí um ciclo vicioso que é preciso cessar.

Criança, jovem e adulto motivados não são indisciplinados. Mas o que a disciplina tem a ver com currículo? Quem é o responsável pela disciplina na escola?

Observa-se na escola que a disciplina é uma questão que deve ser trabalhada não só pela direção. São necessárias regras, preferencialmente partilhadas com os alunos desde o momento de sua elaboração. Mas, o que é considerado como disciplina pela equipe escolar? Provavelmente fazer a coisa certa, na hora certa, do jeito certo, sem prejudicar ninguém. Neste sentido, todos os membros da equipe escolar precisam ser coerentes, precisam ter o mesmo norte, porque caso contrário poderão ocorrer muitos conflitos no desenvolver do trabalho. Os limites são fundamentais, mas precisam ser os mesmos para toda a equipe. E não é isso o que se vê.

É preciso que o professor, o coordenador, a equipe pedagógica toda pare e analise os resultados que suas posturas têm desenvolvido. Se os resultados não estão bons, é preciso revê-los, descobrindo os porquês de sua existência propondo formas de superação da situação. Para tal é fundamental o trabalho coletivo.

Refleta, leitor, por um momento sobre um fato. O tipo de cidadão que queremos formar está explicitado no Plano Escolar e nos conteúdos e disciplinas que se quer trabalhar? Se em nível de discurso está bem delineado, como se justifica uma postura incoerente dentro da sala de aula?

Há, por exemplo, na prática educacional, a predominância dos chamados “currículo oculto” e “currículo nulo”?

O “currículo oculto” é o principal veículo da aprendizagem de valores e atitudes, mas nem sempre ele serve apenas para passar atitudes, normas e valores negativos, que levam à passividade e ao conformismo. O cur-

riculo oculto pode oferecer oportunidade de interação entre o planejado, o inesperado e o não reconhecido. É nessa interação complexa e contraditória que se dá o processo de construção do conhecimento na escola.

Para que seja um currículo oculto expressivo, que ensine e colabore na construção cotidiana, é necessário que junto à aprendizagem dos conteúdos se adotem valores e normas de conduta para que a aprendizagem não seja alienada, mas feita crítica e coletivamente, promovendo a cooperação, a convivência democrática, a compreensão do outro, os valores de solidariedade, igualdade e justiça. Muitas mensagens do currículo geram contradições com o contexto social devido a falta de relação e descontinuidade entre diferentes mensagens curriculares.

O “currículo nulo” é entendido como aquilo que os alunos não têm a oportunidade de aprender sob a responsabilidade da escola. Problemas e conflitos contemporâneos, experiências e saberes populares, sexualidade, a tecnologia moderna etc. engrossam os conteúdos do currículo nulo. Costumam estar ausentes nas práticas curriculares dificultando, assim, a capacidade do aluno de perceber o papel real que precisa desempenhar na luta pela transformação social, bem como de viabilizar sua participação nessa luta. Romper com a situação atual e assegurar a autonomia da escola promoveriam de fato aprendizagens fundamentais para uma escola real, que atende um aluno real, que se situa num mundo real.

Para reverter esse processo, é imprescindível que o currículo seja planejado coletivamente, partindo de uma realidade concreta na qual a escola está inserida, compreendendo e explicando essa realidade de forma crítica, definindo as prioridades para que a escola proponha alternativas de superação ou minimização das dificuldades.

Cada escola deve ter a sua proposta educacional, uma diretriz metodológica traduzindo a concepção que se tem dos processos de conhecimento, ensino e aprendizagem.

Planejar o currículo não é só escolher conteúdos, mas também organizar experiências e situações que garantam a aprendizagem. Daí a importância de se levar em conta o cotidiano, a leitura de mundo dos alunos, a cultura de cada um, a fim de avançar e incentivar a discussão e a crítica, favorecendo o confronto de diferentes opiniões e a construção coletiva do conhecimento.

De acordo com VEIGA (1991:87), as decisões básicas do currículo abrangem questões referentes ao “o que”, “para que”, e o “como” ensinar articulados ao “para quem”. Após essa elaboração, o próximo passo é colocar em ação tudo o que foi discutido e decidido coletivamente, avaliando constantemente a execução do plano curricular, verificando os acertos e as necessidades de reajustes.

Todo o processo de elaboração de um plano curricular coletivo, que contemple a realidade e as experiências dos alunos e da comunidade, só terá significado e será executado se os professores e os profissionais não docentes sentirem-se parte deste contexto.

O currículo pensado e praticado desta forma desencadeará maior participação e compromisso de todos, nos inúmeros aspectos inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, que precisam ser realizados para que a escola cumpra o seu papel de socializadora do conhecimento instrumentalizando as pessoas para que sejam agentes das transformações sociais.

Por fazer parte da totalidade social, o currículo precisa ser historicamente situado e culturalmente determinado.

Para que a escola seja um espaço de construção e não apenas de transmissão do conhecimento, deve-se levar em consideração as condições desta escola e toda sua estrutura material e funcional a fim de promover o desenvolvimento do trabalho coletivo. As condições econômicas e culturais determinam as necessidades específicas do aluno e da comunidade em que se insere, influenciando na escolha adequa-

da dos conteúdos a serem trabalhados. Enfim, tudo o que ocorre na escola precisa ser discutido no momento do planejamento curricular.

É bom lembrar que o currículo precisa estar em contínuo movimento pois o mundo não pára e por isso a reflexão acerca dos problemas que nos afrontam deve ser feita conjuntamente. Como? Na escola, a equipe pedagógica pode aproveitar ao máximo os momentos de reuniões pedagógicas, reunião de pais, conselhos de classe, etc., para reflexão e conseqüente conscientização dos limites e possibilidades para a transformação.

O professor enquanto mediador da construção do conhecimento precisa estar sempre pesquisando, investigando o mundo que o cerca, enriquecendo seu conhecimento bem como sua própria prática. Estamos inseridos no mundo e para poder transformá-lo é preciso compreender tudo o que faz parte dele.

A escola e o currículo são elementos chaves que promoverão ou não a construção e reconstrução de saberes e conhecimentos. Neste sentido, o que se lê sobre a questão nos revela uma proposta progressista de utilização do currículo baseada nos seguintes pressupostos básicos:

- Educação escolar como parte integrante da sociedade;
- Trabalho em prol das camadas mais pobres da população;
- Preparo do indivíduo para a vida sócio-política e cultural;
- A escola como espaço de luta, de contestação;
- Direito de todos a uma formação básica.

Em resumo, o que se lê hoje em dia sobre currículo são contribuições valiosas de vários autores, para que se altere a face da escola, desmitificando alguns conceitos e preconceitos tão presentes na mesma. Tais contribuições nos levam a um mundo de informações que podem, uma vez absorvidas pela equipe escolar, favorecer o processo pedagógico e, quem sabe, fazer com que o currículo seja entendido "como o próprio ambiente em ação". (MOREIRA,

1997). Em contrapartida, o que se vê na prática são currículos inadequados, mal planejados, o que nos leva a questionar se os conhecimentos produzidos chegam à sala de aula e ainda, a validade real dos estágios.

Referências Bibliográficas

- APPLE, M. *Ideologia e currículo*. São Paulo. Brasiliense, 1983.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- DOMINGUES, J. L. Interesses humanos e paradigmas curriculares. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, 67 (156): 512-66, maio/agosto. 1986.
- GIROUX, H. *Escola crítica e política cultural*. São Paulo: Cortez, 1987.
- MOREIRA, A. F. e SILVA, T. T. (orgs.) *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995.
- MOREIRA, A.F. Escola, currículo e construção do conhecimento. *Tecnologia Educacional* - v. 22 (118) mai/jun, 1994.
- _____. Currículo: questões atuais. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- PALMA FILHO, J.C. Fundamentos da construção curricular. In: *Educação Pública: tendências e desafios*. São Paulo: CERED, 1990.
- SANTOS, L. P. Currículo e diferenças culturais em tempo de globalização. *Presença Pedagógica*. V. 2 nº 10 jul/ago. 1996
- SILVA, T. M. N. *A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador*. São Paulo: E.P.U., 1990.
- SILVA, T.T.S. Currículo e cultura: uma visão pós-estruturalista. *Caderno de Pedagogia*. Faculdade de Educação. UNICAMP, 1997.
- VEIGA, I. P. A (org.) *Escola fundamental: currículo e ensino*. São Paulo: Papirus, 1991.